

CADERNO DE ARTISTA: UM MEIO DE REFLEXÃO

ROCHA, Maria Clara Martins
Arte/educadora do Instituto Inhotim, Brumadinho / MG

RESUMO:

O artista contemporâneo apropria-se de uma diversidade de recursos em sua produção criativa. Apresentamos o *caderno de artista* como um destes recursos e como um elemento que oferece possibilidade de autocrítica e reflexão que o torna um indivíduo amadurecido através de sua própria experiência. Analisar a proposta do *caderno de artista* como um meio de tornar o artista um profissional reflexivo possibilitará uma afirmação sobre a importância do uso deste recurso para o processo de formação do artista. Essa pesquisa encontra-se em andamento, busca bases conclusivas para afirmar que a prática reflexiva pode ser estimulada através do caderno de artista e oferecerá uma postura reflexiva para esse indivíduo que está diante da complexidade do mundo contemporâneo.

Palavras-chave: artista; arte contemporânea; *caderno de artista*; prática reflexiva;

ABSTRACT:

The contemporary artist appropriates a variety of resources in their creative output. Introducing the terms of these resources as an artist and as an element that offers the possibility of self-criticism and reflection that makes an individual matured through their own experience. Examine the proposal of terms of the artist as a means of making the artist a reflective practitioner permit a statement about the importance of using this resource to the formation process of the artist. This research is in progress, seeks conclusive basis to assert that reflective practice can be stimulated through the tender offer artist and a reflective attitude to the individual who is overwhelmed by the complexity of the contemporary world.

Key words: artist, contemporary art, book artist, reflective practice;

Um olhar sobre o artista contemporâneo

Uma vez superados os mitos do “gênio criador” e da “inspiração”, a formação do artista passa a ser vista como um processo que se intensifica pela pesquisa e experiência. O artista que experimenta o *caderno de artista*¹ como uma ferramenta para seu trabalho, oportuniza-se a um processo de reflexão, que o torna capaz de olhar para a arte e para o mercado de forma mais crítica e amadurecida. Mas como se dá essa experiência?

Considerando que as etapas do processo de um artista baseiam-se em sua vivência e em suas relações com a poesia do cotidiano e do seu íntimo, o artista precisa acompanhar seu próprio processo, observando e refletindo sobre sua prática.

“Grande parte dos problemas tratados por profissionais não figuram nos livros e não pode ser resolvidas apenas com a ajuda dos saberes teóricos e procedimentais ensinados” (PERRENOUD, 2002, p.15).

O artista contemporâneo é um pensador/questionador da arte e de inovações acerca do mundo. A partir de sua percepção analítico/sintética, as mãos são substituídas pelo pensamento e a criação surge de diversos estímulos que muitas vezes são externos. Um conceito se concretiza como arte, e a própria experiência do artista contribui diretamente para a construção de sua pesquisa, que baseia-se no experimento e na relação deste experimento com os questionamentos da sociedade contemporânea. “Ser artista hoje significa questionar a natureza da arte²” (KOSUTH, 1969).

Conseguir olhar para seu próprio trabalho de forma crítica e reflexiva, realizando um distanciamento, pode ser um desafio para o artista, uma vez que imerso no processo de criação, muitas vezes, contamina-se por ele. A reflexão sobre essa ação, passa a ser essencial para o amadurecimento do olhar e dos sentimentos sobre seu próprio trabalho.

Quem é o artista contemporâneo imerso neste mundo e nessa arte?

Para melhor compreender esse artista, considera-se essencial, contextualizar o tempo e espaço que ele pertence. O que vêm a ser essa contemporaneidade? Alguns termos são utilizados para denominar a contemporaneidade como pós-modernismo, hipermodernismo, mas antes de entender pós-modernismo, primeiramente precisa-se entender o período caracterizado como modernismo. “Ser moderno é encontrar-se num ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, transformação de si e do mundo” (HARVEY, 2009, p. 21). A modernidade compromete-se com o novo, com a transformação e inovação. Para a produção dos projetos modernistas, criou-se uma imagem de “destruição criativa” e derivou os “dilemas práticos enfrentados pelos próprios modernistas, afinal como poderia um novo mundo ser criado sem se destruir boa parte do que viera antes?” (HARVEY, 2009, p. 26). A modernidade afirma-se pelo total desligamento com quaisquer condições históricas precedentes, caracteriza-se pela ruptura.

A criação, a totalização, o objeto acabado, a busca pelo significado, pela transcendência é forte no modernismo, que se distancia e eleva-se em meio a sociedade e a participação pública. A genialidade se faz presente no modernismo que afirma a hierarquia e a presença do processo criador. Porém, nos últimos tempos, conceitualmente essa postura foi mudando, e não mais é possível ignorar o chamado pós-modernismo, que rompe com os conceitos do modernismo e declara sua diferença, aceitando o efêmero, o processo, a participação pública, a indeterminação. “O que parece de fato mais espantoso sobre o pós-modernismo: sua total aceitação do efêmero, do fragmentário, do descontínuo e do caótico.” (HARVEY, 2009, p. 49).

A apropriação da velocidade proporcionada pelos veículos de comunicação, as múltiplas linguagens que estruturam o pensamento de forma descontínua, demonstra uma nova forma de comportamento social, que aceita a fragmentação, o pluralismo, a autenticidade das vozes e dos diversos pontos de vistas, evidenciando estas características no cotidiano.

Tomando como premissa que a arte reflete o comportamento da sociedade, a arte contemporânea se revela em meio a esse contexto como um reflexo. “Tanto a arte como a sociedade, em qualquer sentido concreto dos termos, tem sua origem nas relações do homem com o seu ambiente natural” (READ, 1983, p.20).

Conforme afirma Scott, em texto publicado na revista Continuum Itaú Cultural (2009):

Arte contemporânea é um espectro imenso de manifestações e impulsos sem avalista, um ambiente não primordialmente destinado à excelência ou à genialidade, e sim ao experimento, à criação de linguagens” (SCOTT, 2009)³.

Essa referência é capaz de sintetizar a complexidade das bases da arte contemporânea, que por estar em processo, não permite grandes definições. “O passado, entretanto, pode ser definido mais facilmente. Quanto ao presente, antes se especula sobre ele” (Santos, 2009, p. 13). Conforme citação de Milton Santos (2009), afirmar sobre o passado da arte, sua história e relação com a sociedade são pertinentes, no entanto, a arte contemporânea é passível de questionamentos que a torna complexa na permitindo ainda grandes afirmações.

Quais as linguagens reveladoras desse artista imerso nessa complexidade?

O artista contemporâneo apropria-se de novos materiais e suportes, relacionando-se com esse universo de experimentação e processo. Mas é difícil generalizar ou organizá-los por classes, o período contemporâneo classifica-se como diverso e múltiplo, tornando os artistas cada vez mais singulares em sua produção, que parte de suas vivências e experiências de mundo.

Mas o indivíduo não trabalha num vazio. Toda a complexidade de nosso problema nasce do fato de que o artista depende, em certo sentido da comunidade, não apenas no sentido econômico óbvio, mas num sentido muito mais sutil, e que espera uma análise psicológica (READ, 1983, p.22).

A afirmação que esse homem (artista) sai de um espaço único e se revela ao mundo é precipitada. Um homem que é humano, que pensa o homem e que pensa o mundo. Revela o mundo um olhar sobre ele, poético e real, apropriando-se de linguagens e de oportunidades favoráveis ao processo de produção artística e conceitual. Conforme cita Kaprow⁴:

Não satisfeitos com a sugestão, por meio da pintura, de nossos outros sentidos, devemos utilizar a substância específica da visão, do som, dos movimentos, das pessoas, dos odores, do tato. Objetos de todos os tipos são materiais para a nova arte: tinta, cadeiras, comida, luzes elétricas e néon, fumaça, água, meias velhas, um cachorro, filmes, mil outras coisas que serão descobertas pela geração atual de artistas. Esses corajosos criadores não só vão nos mostrar, como que pela primeira vez, o mundo que sempre tivemos em torno de nós, mas ignoramos, como também vão descortinar acontecimentos e eventos inteiramente inauditos, encontrados em latas de lixo, arquivos policiais e saguões de hotel; vistos em vitrines de lojas ou nas ruas; e percebidos em sonhos e acidentes horríveis. Um odor de morangos amassados, uma carta de um amigo ou um cartaz anunciando a venda de Drano; três batidas na porta da frente, um arranhão, um suspiro, ou uma voz lendo infinitamente um flash ofuscante em staccato, um chapéu de jogador de boliche – tudo vai se tornar material para essa nova arte concreta. Jovens artistas de hoje não precisam mais dizer ‘eu sou um pintor’, ou ‘um poeta’ ou ‘um dançarino’. Eles são simplesmente ‘artistas’. Tudo na vida estará aberto para eles (KAPROW, p.44 – 45).

Já Read (1983) apresenta um olhar sobre a arte e sobre as possibilidades de intervenção do artista no meio que ele está inserido através de proposições intrínsecas:

A arte, por outro lado, é sempre perturbadora, permanentemente revolucionária. E isso porque o artista, na proporção de sua grandeza, enfrenta sempre o desconhecido, e aquilo que ele traz de volta dessa confrontação é uma novidade, um símbolo novo, uma nova visão da vida, a imagem externa de coisas interiores. (READ, 1983, p. 27).

O artista contemporâneo ocupa um lugar importante na sociedade, lugar de construtor de pensamentos acerca da arte e sua manifestação na contemporaneidade. Apresenta através de sua produção elementos que por si só, levantam indagações que oferece ao coletivo uma reflexão sobre si.

Qual a possível postura reflexiva o caderno de artista pode apresentar?

Os chamados *cadernos, escritos ou diários de artistas* é uma forma de diálogo entre o artista e seu trabalho, bem como, seu processo criativo. Difere-se do livro de artista, pois trata-se de um objeto que não necessariamente apresenta-se como obra, e é um auxiliar na formação e organização do artista em sua produção, ao mesmo tempo, assemelha-se por carregar uma poética e uma estética que agrega valores a obra do artista. Esse material comporta grande importância no processo do artista, e em alguns momentos passa a ser fundamental para a reflexão sobre esse artista no campo da história e da crítica de arte.

Esses cadernos integram à poética de cada obra e ingressam no domínio da crítica, em alguns casos sob diferentes modos como manifestos, cartas, entrevistas, ensaísticos, entre outros.

Trato os livros como corpos textuais. O que vem a ser um corpo? Não somente o encaixe de ossos e de carnes, mas também uma porção ilimitada de matéria ou de coisas; a parte principal de um livro: o corpo do texto e o coração da escrita; o núcleo central de certos objetos, o corpo da nave espacial copulou a estação em órbita, por exemplo; [...] (CRUZ, 2009, p. 33).

Já Ferreira e Cotrim percebem a palavra escrita no trabalho de Hélio Oiticica como um acréscimo na plasticidade das obras:

Hélio Oiticica inscreve palavra e texto no corpo do trabalho ‘plástico’ e exercita a escrita enquanto desdobramento da experiência artística, praticando no texto, a reflexão crítica sobre o processo que a engendra. O conjunto de seus escritos compreende anotações em seu diário, textos críticos sobre outros artistas, artigos de jornal, manifestos, cartas, poemas, especificações de projetos (FERREIRA e COTRIM, 2006, p.82).

Através destes registros os artistas possibilitam o acesso a sua obra e protagonizam de forma efetiva os conceitos agregados ao seu trabalho.

O *caderno de artista* revela um apontar de caminhos, considerando que o artista busca as questões de sua pesquisa produzindo e indagando sobre sua própria produção. Os artistas trilham caminhos próprios, o método adotado na investigação

através do *caderno* é criado ao mesmo tempo em que cria seus objetos e suas obras, vinculando a necessidade do pensar e do fazer. “O que há de fabuloso aqui é que a gente entra em contato com um artista que não só escrevia teoricamente sobre o processo artístico dele, como também sobre a história da arte, sobre seus contemporâneos” afirma Lisette Lagnado em entrevista concedida à folha de São Paulo. Os *cadernos de artista* são capazes de sintetizar e contextualizar um determinado período artístico-histórico.

Lygia Pape com sua intensa e diversificada produção experimental de livros de artista pode proporcionar uma reflexão não somente a prática artística, mas ao significado poético deste objeto. “As experiências da artista também estenderam os limites da arte com o envolvimento mais profundo do espectador no processo de criação, e com a ampliação do campo perceptivo que envolvia tanto a produção quanto a fruição de seus trabalhos”. (SOUSA, 2009, p. 2253)

Conclusão

Contudo, é possível compreender provisoriamente que a trajetória de um artista pode ser definida como um caminho impreciso e inquieto, mas espera-se que o *caderno de artista* como um meio de tornar o artista um profissional reflexivo, pode ser fundamental para o ato criador, durante o processo de produção e de formação de um artista que revela uma postura reflexiva diante da complexidade do mundo contemporâneo.

O artista durante sua produção deve se colocar diante de uma lista de perguntas, problemas, respostas e tentativas de resposta, mas o processo de reflexão, que se dá através dos registros no *caderno de artista*, é fundamental para que ele possa ser conhecedor de si mesmo e de sua obra. Amadurecendo diante de um processo infinito e poético, deslumbrante e ameaçador.

¹ Chamamos aqui de caderno de artistas os diários, manuscritos, livros ou textos escritos pelo artista durante seu processo de criação e produção artística.

² In Estilos Escolas e Movimentos (2003) p. 240

³ Paulo Scott in conto publicado na 19ª edição da revista Continuum Itaú Cultural.

⁴ In Escritos de artistas: anos 60/70. Glória Ferreira e Cecília Cotrim, 2006.

Referências

DEMPSEY, Amy. Estilos, escolas e movimentos. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

FERREIRA, Glória. COTRIM, Cecília. Escritos de artistas: anos 60/70 / seleção e comentários. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

HARVEY, David. Condição Pós-moderna. São Paulo: Loyola, 1989.

PERRENOUD, Philippe. *A prática reflexiva no ofício do professor – profissionalização e razão pedagógica*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

READ, Herbert. Arte e alienação: o papel do artista na sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

REVISTA CONTINUUM. São Paulo: Itaú Cultural, n.19, mar./abr.2009. Bimestral.

SANTOS, Milton. Pensando o Espaço do Homem. São Paulo: USP, 2004.

SCHÖN, Donald A. *Educando o profissional reflexivo – um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Trad. Roberto Cataldo Costa – Porto Alegre: Artmed, 2000.

Internet

<http://netart.incubadora.fapesp.br/portal/Members/julmonachesi/entrevistas/ho> acesso em 26 de março de 2010.

<http://www.concinnitas.uerj.br/resumos15/lucennecruz.pdf> acesso em 26 de março de 2010.

http://www.anpap.org.br/2009/pdf/chtca/marcia_regina_pereira_de_sousa.pdf acesso em 26 de março de 2010.

<http://seminariolivrodeartista.wordpress.com/> acesso em 26 de março de 2010.

Maria Clara Martins Rocha

Arte/educadora do Instituto Inhotim, Brumadinho/MG, desde 2008. Supervisora do eixo formação de professores e visitas escolares na instituição. Licenciada em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Minas Gerais. Possui experiência em espaços de educação formal e não formal. Pesquisas na área de arte contemporânea, educação em museus e prática reflexiva.

Quando a reflexão não está presente, o professor não consegue perceber aquilo que precisa ser reformulado, vai repetindo inclusive os erros. O registro permite que o docente desenvolva a autonomia, o espírito criativo, inventivo, a capacidade de reflexão e de crítica, e uma atitude investigativa em relação à própria aula. Ele vai se tornando um intelectual, capaz de pensar sobre o processo de ensino e aprendizagem da arte e um pesquisador da sua própria aula", finaliza Sumaya. Save to Library. Download. Esta pesquisa fala sobre Cadernos de Artista na intersecção entre duas áreas: a arte e a educação. Sephiroth done with ballpoint pen in my notebook during a Environment Sciences class (a unuseful ecology class u.u) hmm his arms are pretty shot. Sehiroph feico com caneta bic no meu caderno, na aula de Ciências do ambiente (aula inútil de ecologia ...) desenhar com caneta bic durante uma aula eh o q hã XD bleh os braços dele fikaram meio curtos, mas deixa. Image size. 700x528px 164.41 KB. vc ta reclamando do braco curto? vc ja viu como a espada ta curvada? ta parecendo uma ginsu u.u mas ficou legalzinho para um setch feito na hora Reply. Jan 19, 2005. scelus. heheheheh XD a espada vai retinha ae do nda TCHAK fika amassada mas isso ae tem q dah um desconto pq a folha do caderno afunda no meio (ahhehaeah a desculpa). Reply. Jan 19, 2005. Thelder-sama. O Caderno de Apoio visa auxiliar os professores na implementação das Metas Curriculares de Inglês dos 2.º e 3.º ciclos do Ensino Básico. Está dividido em 5 secções, coincidentes com 5 dos 7 domínios de referência das Metas: Compreensão Oral/Listening; Leitura/Reading; Interação Oral/Spoken Interaction; Produção Oral/Spoken Production e Escrita/Writing. Por serem transversais aos 5 domínios anteriores, o Domínio Intercultural/Intercultural Domain e o do Léxico e Gramática/Lexis and Grammar não surgem como secções independentes. Em cada um dos domínios, o trabalho do professor é